
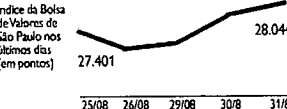


BOLSAS	BOVESPA	C-BOND	DÓLAR	EURO	OURO	CDB	INFLAÇÃO
Na quarta (em %)	Índice da Bolsa de Valores de São Paulo nos últimos dias (em pontos)	Título da dívida externa brasileira, na quarta	quarta-feira (em R\$)	Turismo, venda (em R\$)	Na BM&F, o grama (em R\$)	Prefixado, 30 dias (em % ao ano)	IPCA do IBGE (em %)
 +0,66 Nova York	 28.044	US\$ 1,0125 (Estável)	2,358 (▼ 1,09%)	Últimas cotações (em R\$) 24/agosto 2,43 25/agosto 2,39 26/agosto 2,40 29/agosto 2,38 30/agosto 2,38	3,000 (▼ 0,003%)	R\$ 33,00 (▼ 1,63%)	19,47
							Março/2005 0,61 Abril/2005 0,87 Maio/2005 0,49 Junho/2005 -0,02 Julho/2005 0,25

DESENVOLVIMENTO *Economia - Brasil*

Produto Interno Bruto surpreende, cresce 1,4% no segundo trimestre e mostra forte recuperação da economia. Setor industrial, com expansão de 5,5% no período, foi o destaque do levantamento do IBGE

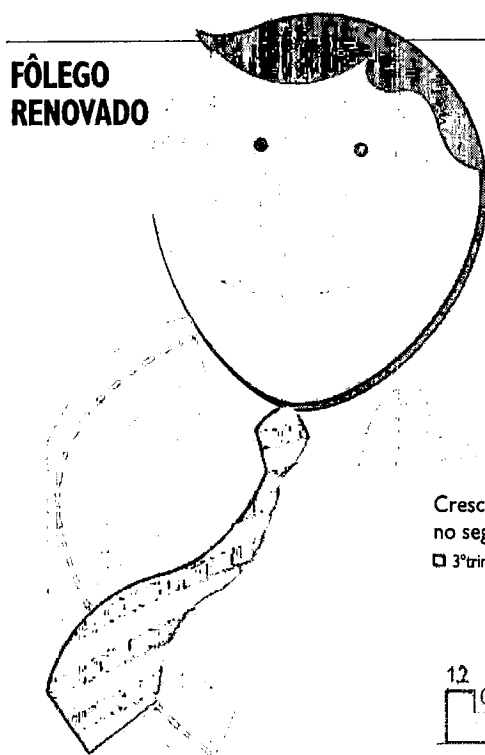
O PIB da retomada

VICENTE NUNES
 DA EQUIPE DO CORREIO

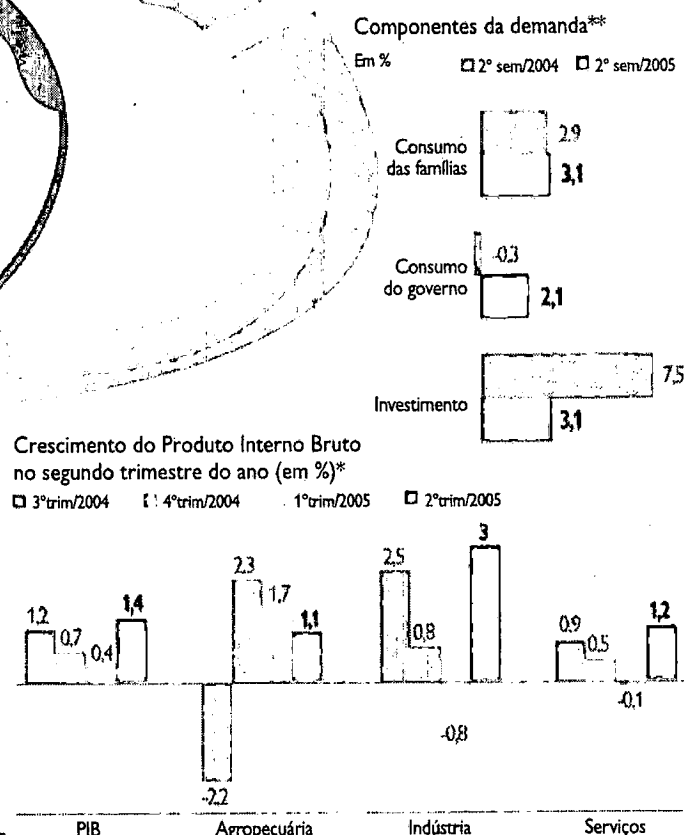
O governo respirou aliviado ontem em meio a crise política que, há mais de três meses, atormenta os brasileiros. O refresco foi dado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ao anunciar a forte recuperação da economia. O Produto Interno Bruto (PIB), a soma de todas as riquezas produzidas pelo país, registrou crescimento de 1,4% no segundo trimestre do ano em comparação a janeiro e março, taxa que, quando anualizada, mostra expansão de 5,7%. Foi o oitavo trimestre consecutivo de alta do PIB, o que se não via há quatro anos. Entre 1999 e o início de 2001, o PIB cresceu nove trimestres seguidos. Nos primeiros seis meses de 2005, o Produto teve aumento de 3,4%. Na comparação entre abril e junho deste ano com o mesmo período de 2004, o incremento foi de 3,9%. No acumulado dos 12 meses terminados em junho, o PIB expandiu-se 4,3% frente aos 12 meses anteriores.

“Qualquer que seja a comparação, os resultados computados pelo IBGE ficaram acima das previsões médias de mercado”, disse o economista-sênior do BankBoston, Marcelo Cypriano. Em relação aos três primeiros meses do ano, a expectativa era de que o PIB cresceria 1,2% no segundo trimestre. Já na comparação com abril e junho de 2004, a expectativa era de incremento de 3,4%. Diante da força demonstrada pela economia, boa parte dos especialistas já começou a rever para cima as projeções de crescimen-

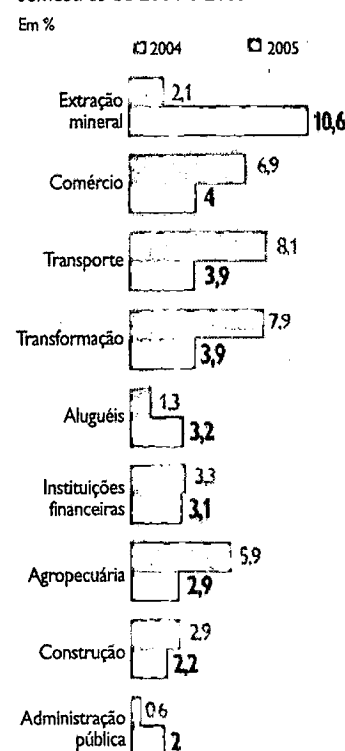
FÔLEGO RENOVADO



Fonte: IBGE
 * trimestre sobre o trimestre imediatamente anterior
 ** taxas acumuladas nos primeiros semestres de 2004 e de 2005



Acompanhe o desempenho dos principais setores nos primeiros semestres de 2004 e 2005



Editoria de Arte/CB

to para o PIB deste ano. Ricardo Amorim, chefe, em Nova York, do Departamento de Pesquisas para a América Latina do Banco WestLB, informou que sua estimativa passou de 3% para 3,6%. O Banco Modal elevou a projeção de 3,3% para 3,5%. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), vinculado ao Ministério do Planejamento, deve ampliar sua expectativa de 2,8% para 3,5%.

Efeito dos juros

Pelas contas do economista-chefe da Confederação Nacional

do Comércio (CNC), Carlos Thadeu de Freitas Gomes, se a economia crescer 1% no terceiro trimestre e 1% entre outubro e dezembro, o PIB fechará o ano com alta de 3,5%, garantindo um aumento mínimo de 1,6% no ano que vem. Caso o PIB cresça acima de 1% tanto no terceiro quanto no quarto trimestres, o crescimento final de 2005 será de 3,9%, com o PIB carregando elevação inicial de 2,2% para 2006. “Há uma grande expectativa em relação ao desempenho da economia nos próximos meses, diante

da perspectiva de queda dos juros. Quanto mais depressa as taxas caírem, mais rapidamente a produção e o consumo vão se recuperar”, afirmou.

Para Adauto Lima, economista-chefe do Banco WestLB, melhor do que o desempenho consolidado do PIB foi a composição do resultado. “As taxas de investimentos cresceram, garantindo o aumento futuro da produção. A indústria apresentou um salto muito positivo, assim como a agricultura e o setor de serviços”, destacou. Segundo Cláudia Dio-

nísio, economista da Coordenação de Contas Regionais do IBGE, na comparação do segundo trimestre deste ano com igual período de 2004, a indústria registrou expansão de 5,5%. “E não foi um efeito estatístico, pois, entre abril e junho do ano passado, a alta tinha sido de 6,3%”, destacou. Dentro da indústria, os destaques foram para a construção civil, que se recuperou depois de vários trimestres de queda, e para a produção extrativa, com alta de 10,6% no semestre, devido à entrada em operação de duas plata-

formas de petróleo da Petrobras.

“Ao analisar os números divulgados pelo IBGE, podemos dizer que vários mitos foram derrubados”, frisou o economista Jankiel Santos, do Banco ABN Amro Real. A seu ver, quando foi anunciado o aumento do PIB no primeiro trimestre — revisado pelo IBGE de 0,3% para 0,4% — muita gente afirmou que o Brasil estava caminhando rapidamente para a estagnação. “Disseram que a agricultura estava indo mal, que as exportações estavam perdendo o fôlego e que o consumo e os investimentos tinham sido minados pelos juros altos. O que vimos foi a agropecuária crescendo 2,9% no primeiro semestre, o consumo e os investimentos aumentando 3,1% e as exportações subindo 13,3%”, assinalou.

Impostos

A carga tributária também deu sua contribuição para o crescimento do PIB. De acordo com Cláudia Dionísio, a arrecadação de impostos subiu 5,8% no segundo trimestre ante o mesmo período de 2004. Aumentaram, sobretudo, o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), por causa do forte ritmo de produção da indústria, e o Imposto sobre Importações (II) — as compras no exterior tiveram expansão de 12,7% entre abril e junho. Cresceu ainda, segundo Cláudia, o Imposto sobre Serviços (ISS), recolhido pelas prefeituras. “Não fosse o impacto dos impostos, a elevação do PIB de 3,9% na comparação do segundo trimestre deste ano com o mesmo trimestre de 2004 teria ficado em 3,7%”, afirmou.